

A Plendor, meu Rei e querido amigo, cuja sabedoria sempre foi farol e norte para minhas palavras. Recordo com ternura aquelas longas tardes em que, sentados sob a sombra das antigas árvores élficas, vossa majestade me confidenciava, com olhos brilhantes e sorriso sereno, o desejo ardente de desbravar cada recanto de Uriath. Não o desejo passageiro do viajante que anseia pelo exotismo, mas o anseio genuíno daquele que deseja tocar a alma do mundo.

Sei bem que não há livro, pintura ou relato que substitua o ato de pisar com os próprios pés o chão sagrado do desconhecido. Ainda assim, na limitação do meu ofício, guardei em minhas anotações um fragmento desse sonho que compartilhastes. Um pequeno espelho para que, mesmo de longe, possais vivê-lo através das palavras, tal qual eu as registrei — talvez não tão vívidas quanto o vento, nem tão coloridas quanto o céu, mas vivas o bastante para um coração curioso.

Entre as figuras que cruzei e estudei nas minhas andanças pelos povos de Uriath, há uma cuja existência é mais enigma do que história, mais silêncio do que voz — uma sombra que não se dissipa com o vento nem se curva ao brilho do sol: Mikhael, o Observador.

Muitos dizem que ele é apenas um homem comum, um rosto qualquer entre a multidão. Uma presença tão despercebida que, se passar ao seu lado, nem mesmo os ventos sussurrariam seu nome. Talvez essa invisibilidade seja sua armadura mais eficaz. Outros, porém, contam histórias diferentes — falam dele como um espírito errante, condenado a vagar eternamente pela terra por uma dívida ancestral, ou quem sabe pela guarda de um segredo que não pertence a nenhum mortal comum.

Mikhael não conhece o que chamamos necessidades — ele não sente fome, não repousa no sono, não conhece a fadiga que pesa sobre ombros humanos. O medo, essa sombra antiga que enlaça o coração, jamais tocou seu ser. Sua missão, se é que pode ser chamada assim, é única e implacável: testemunhar o mundo em seu estado bruto e despido, sem as lentes corrompidas das emoções, sem o peso do julgamento.

Ele é um enigma ambulante, uma sombra que caminha silenciosa entre nós, invisível para aqueles que não têm olhos para ver — não olhos comuns, mas aqueles que captam o silêncio das coisas não ditas, o espaço entre o que é e o que poderia ser.

Mikhael nunca intervém, nunca murmura uma palavra ou ergue a mão para mudar o curso dos fatos. Ele é tanto o fardo quanto a dádiva do testemunho absoluto. Enquanto nós, criaturas de carne e alma, somos benditos (e amaldiçoados) pelo dom da escolha, Mikhael apenas observa — e carrega o peso infinito de lembrar.

Em uma das raras chances que o destino me concedeu, acompanhei Mikhael durante um ciclo solar inteiro. Uma longa caminhada pelas sendas tortuosas da vida em Uriath. Desses dias e noites recolhi fragmentos, histórias que, creio, revelarão não só o homem-sombra, mas também a humanidade que pulsa ao seu redor, aquela que teima em viver mesmo sob as sombras mais densas.

## **A Menina Perdida**

Foi na fresca manhã em que o céu ainda ostentava nuvens preguiçosas que encontrei Mikhael. Mal havíamos percorrido a estreita rua de pedra da vila quando ele parou abruptamente, seus olhos fixos — calmos, vazios e, ao mesmo tempo, profundamente atentos — em um ponto da viela oposta.

Ali, entre passos apressados e olhares que desviavam sem querer se envolver, uma pequena garota de cabelos dourados girava o rosto incessantemente, como quem busca uma âncora em meio à tempestade invisível. Seu corpo franzino parecia à mercê da multidão, um barco à deriva no mar inquieto das ruas cheias. Seus olhos carregavam uma angústia muda, um grito silencioso que a pressa da vila não tinha tempo para escutar.

Em tempos antigos, talvez um coração compassivo teria se inclinado para ajudá-la, um amigo, um conhecido, um estranho. Mas os tempos mudaram — as ruas de Uriath agora correm rápidas demais, indiferentes a vozes que não sabem pedir socorro em palavras audíveis.

Mikhael apenas observava. Não movido pela compaixão, mas pela impossibilidade de fazer outra coisa. Havia uma tensão sutil na postura da menina — um peso invisível que parecia fazer o ar à sua volta ficar denso, quase palpável.

Então, como um vulto surgido do nada, um homem de aparência comum se ajoelhou diante dela. O sorriso no rosto dele tinha a doçura enganosa de um pombo com garras escondidas. Ele falou, talvez perguntando pelos pais ou oferecendo ajuda, seus olhos ansiosos varrendo a rua, como quem procura não ser notado.

A menina deu um passo para trás, hesitante — o suficiente para que o homem, com a rapidez de um predador, a agarrasse e a arrastasse pela viela. A multidão seguiu seu caminho, indiferente, como se o rapto silencioso fosse parte da rotina invisível das ruas.

Na esquina, uma mulher caiu de joelhos. Seus olhos, dilatados pela dor e pelo desespero, fixaram-se no vazio onde sua filha desaparecera. Aquela mulher, naquela manhã, jamais veria sua pequena novamente, e seu grito silencioso ecoaria para sempre no silêncio duro de Uriath.

Mikhael retomou seu passo, indiferente — como se nada tivesse ocorrido. E eu, com o coração apertado e a alma pesada, segui o homem-sombra.

## **Sangue nos Pés**

Entre todas as cenas que Mikhael testemunha, poucas o detêm tanto quanto aquela.

Uma rua estreita, quase um labirinto de pedra e sombras, guardava um segredo envolto em silêncio e agonia. De uma casa mal iluminada escapavam ecos abafados, sombras fragmentadas que dançavam atrás de cortinas sujas e gastas pelo tempo. Mikhael, que não escuta sons, lia nas figuras tensas e violentas uma história de dor.

Na janela entreaberta, atrás da cortina cinzenta, um homem golpeava outro ser com uma fúria cega, quase desumana. Um instante tão fugaz que passaria despercebido para olhos comuns — mas não para Mikhael, cujo olhar é feito de eternidade.

A porta da casa estava entreaberta, um convite silencioso para o abismo da dor que se escondia ali dentro. Sem necessidade de palavra ou gesto, Mikhael já estava presente, imerso na penumbra do medo.

Na entrada da cozinha, parado e imóvel, um menino de olhos grandes e profundos, chamado Lucan, parecia enfeitiçado pelo horror. Seus pés estavam molhados com sangue — não o seu, mas aquele que jorrava da figura caída no chão.

Ali, exausto e marcado pela solidão e pelo trabalho árduo, jazia o pai. E sobre ele, de pé, a mãe, segurava uma lâmina, os olhos perdidos numa névoa entre o sofrimento e a insanidade. Ela gritava, talvez procurando justificativa para a crueldade de seu ato — mas a lâmina é uma língua sem misericórdia, que não admite desculpas.

O pai, enfim, não teria mais que se preocupar. O pequeno Lucan, no entanto, carregaria aquele sangue nos pés por todas as noites futuras, nos pesadelos que o aguardam.

Mikhael não reagiu. Já vira isso tantas vezes... Não há surpresa em seus olhos, apenas a calma resignada do observador que sabe demais e nada pode mudar.

E eu, que ainda me esforço para entender o mundo, apenas segui adiante.

## **Mão Amiga**

O dia já caminhava para sua despedida, e o céu se vestia de cinza, anunciando a chuva que viria a banhar as ruas estreitas de Uriath. Mikhael continuava sua marcha silenciosa, indiferente ao frio que fazia os mortais se apressarem para seus refúgios. Eu, porém, protegia-me com um velho guarda-chuva — inútil para meu amigo espectral, pois ele não se molha, nem se incomoda.

Enquanto as primeiras gotas batiam ritmadas contra as pedras, a multidão, como um rio agitado, buscava abrigo. Foi então que um acidente aconteceu — um choque súbito, um tropeço, e Mikhael foi derrubado no meio da confusão.

Não me apressei a ajudá-lo; afinal, essa não era sua sina. Ele se levantou sozinho, com a mesma calma sombria, e seus olhos de vazio fixaram-se numa figura à beira da rua.

Era um homem com vestes rasgadas, rosto marcado pelo tempo e pelas agruras da vida, um andarilho de Uriath que a cidade parecia querer esquecer. E, surpreendentemente, ele foi o único que estendeu a mão para Mikhael, um gesto tão raro quanto a luz de uma estrela cadente.

Mas não tardou para que um grupo hostil se aproximasse, homens que se achavam senhores das ruas, com olhares duros e punhos

cerrados. O mendigo, o estranho que ousava ser gentil, foi atacado sem misericórdia. A multidão, indiferente, virou as costas.

Mikhael não interveio. Sua missão não era salvar, mas apenas lembrar. Nós, mortais, julgamos atos de coragem ou covardia, mas para ele, tudo é observação, nada mais.

Eu me vi refletindo sobre essa dura lição: a verdadeira solidão, a invisibilidade do sofrimento alheio, o peso de quem se importa em um mundo que prefere fechar os olhos.

O crepúsculo trouxe a chuva em força, lavando as ruas e também nossas almas, enquanto eu seguia Mikhael, o Observador, por mais uma noite — mistérios e silêncios que falam mais alto do que palavras.